

«nunca saía barata uma coisa sem a qual se podia passar, e que uma coisa sem aplicação, ainda que custasse apenas um asse, era sempre cara demais.»

Tal era a sua filosofia, que êle applicava aos escravos.

No seu entender, um escravo devia render dinheiro: era um utensílio, um instrumento falante. Não havia razão para ser sistematicamente mau e duro para com êle, como o eram os espartanos. Mas não se devia tampouco, pensava êle, ser bom em prejuizo do ganho. Só uma coisa devia importar: que o escravo rendesse.

Quando, pois, o velho Catão ia ao mercado dos escravos, nas miseráveis tabernas em que êle se celebrava em Roma, a êle é que não o engazupavam as parolices dos mercadores, nem era êle que caía em comprar, por um preço fabuloso, algum belo rapaz grego, hábil na declamação de versos. Os que êle escolhia e sabia muito bem escolher eram vigorosos mocetões, de respiração sadia, capazes de agüentar o trabalho dos campos, carreiros, moços de estrebaria, boieiros, que êle aliás nunca pagava caro.

Mas os escravos que êle preferia eram os que tinham nascido em sua casa, de escravas, os que haviam de crescer ao lado do filho dele e que assim haviam um dia de lhe ser completamente dedicados. A êsses dava-lhes de mamar sua própria mulher, quando amamentava o filho, para que, dizia êle, tendo sido criados juntos e do mesmo leite, fôsem ainda mais afeiçoados ao seu futuro amo. E isto, no-tem bem, não era de modo algum por humanidade ou por ternura: procedia assim unicamente por considerar que êsses escravos domésticos eram os que mais rendiam. Podia, com efeito, acostumá-los desde principio à alimentação que lhes havia de dar; e, quanto ao trabalho, amestrava-os com todo o vagar, exactamente como se fôsem potros ou cachorros.

Alberto THOMAS.

A política parlamentar no movimento
Socialista

por Malatesta — 100 exemplares \$40, 1 ex. 2 centavos.

Na América

Alexandre Berkman, o activo militante do movimento revolucionário nos Estados Unidos, durante mais de 25 anos, redactor de *The Blast* e autor de livros e folhetos de propaganda, encontra-se na prisão de Tombs, com mais cinco camaradas acusados de agitação anti militarista. Não são os únicos militantes enclausurados ás ordens dos senhores daquele país. pois estes persistem em atacar todo o movimento organizado e aterrorisar os elementos mais radicais.

Sucedem-se já os comícios e reuniões de protesto pela liberdade dos presos e contra o assassinato legal que a burguesia Norte-Americana deseja ver estabelecido em todo o país, como meio facil de se desembaraçar dos que se opõem aos seus sonhos de desmedida ambição e tirania.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

JORNAIS E REVISTAS

O Éco do Arsenal, quinzenário da Ass. de Cl. dos Operários do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional. Redacção, rua de S. Paulo, 121, 2.º, Lisboa.

A Greve, semanário operário, sequencia do diario que há tempo tinha suspenso a sua publicação. Redacção, travessa Agua de Flôr, 55, Lisboa.

O movimento operário, boletim da União Operária Nacional, n.º 3, correspondente aos meses de Junho e Julho. Promete aparecimento regular no principio de cada mês, não devendo deixar de ser lido por nenhum militante operário.

Redacção, calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa.

O Trabalho, quinzenário, orgão das classes trabalhadoras, que começou a publicar-se em Angra do Herismo. Redacção, rua de S. João, 68.

La Obra, periódico anarquista, começado a publicar e com redacção em Terrero, 471 — Buenos Aires.